

Fundos-robôs valorizam até 12% na crise provocada pela pandemia

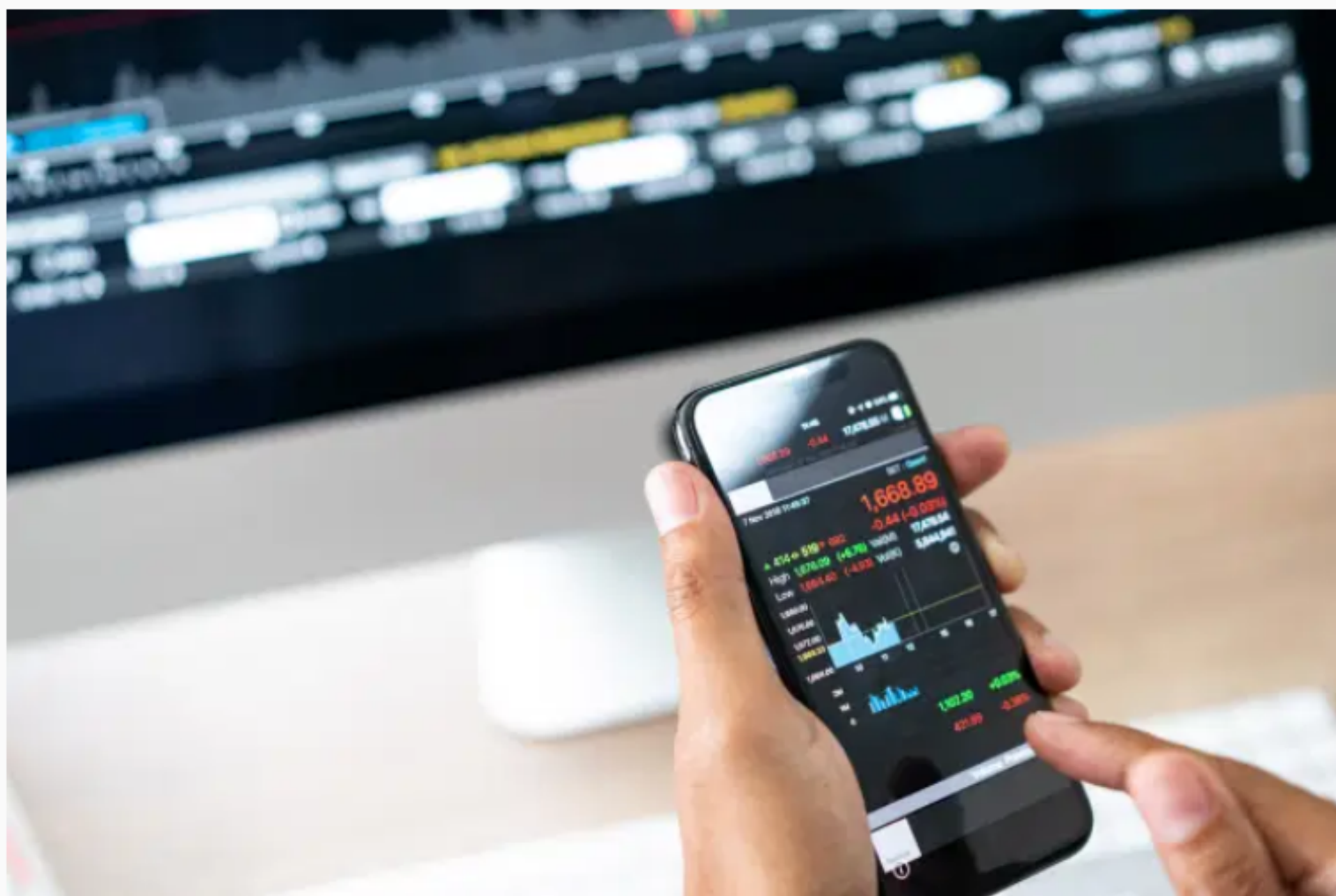
No acumulado do ano até o dia 17, fundos baseados em algoritmos mostraram resiliência

Por **Marília Almeida e João Victor Palacios**

Publicado em: 31/07/2020 às 06h00

Alterado em: 31/07/2020 às 19h02

🕒 Tempo de leitura: 3 min



Investimentos: fundos de previdência são opção para o longo prazo (Witthaya Prasongsin/Getty Images)

Conhecidos por serem mais resilientes em crises econômicas, já que sua estratégia é baseada em algoritmos e busca ter baixa relação com o momento macroeconômico, os **fundos** quantitativos acumulam valorização de até 12% neste ano até o dia 17 de julho.

É o caso do Seival Agressivo, cujas cotas valorizaram 12,51% no período. O fundo é seguido pelo Murano, que valorizou 10,73%, e o Giant Steps Zarathustra, que acumula alta de 8,19%. As valorizações ficam bem acima do CDI do período, de 1,76%, e da variação do Ibovespa, que ficou praticamente estável.

Veja abaixo o desempenho de cinco fundos quantitativos brasileiros nos últimos anos:

Fundo	2016	2017	2018	2019	2020 (até 17/7)	Acumulado desde 2016
Giant Steps Zarathustra	20.95	15.13	15.44	11	8.19	93.05
Seival Agressivo	15.39	-8.97	41.45	-5.12	12.51	58.61
Pandhora	11.37	15.2	4.86	12.91	2.05	55.02
Kadima II	10.62	14.22	11.39	3.65	5.31	53.62
Murano	18.39	5.01	18.31	-19.58	10.73	30.98
CDI	14	9.95	6.42	5.97	1.76	43.84
Ibovespa (variação)	0.62	0.31	0.15	0.17	-0.10	54.25

Apesar de sua característica ser a desconexão com outros indicadores da economia, isso não significa que os fundos possam ser usados como uma proteção pelo investidor.

É o que explica a especialista em fundos da EXAME Research, Juliana Machado, “Os fundos quantitativos ficam no meio do caminho. Podem ajudar na diversificação da carteira. Mas uma proteção é quando a desconexão com outros ativos é negativa, e não é esse o intuito desses fundos”.

Ou seja, fundos quantitativos apenas costumam registrar um desempenho melhor quando há uma tendência clara no mercado financeiro.

Um exemplo foi a pandemia. O mercado vinha em uma grande onda de valorização até fevereiro, quando passou a sinalizar uma tendência inversa em março “Como esses fundos são baseados em um modelo automatizado e analisam uma maior quantidade de dados, conseguem se posicionar mais rápido do que fundos tradicionais”.

Mas mesmo essa diversificação deve ser feita com cuidado. Isso porque a estratégia dos fundos não é quantitativa: serve para classificar apenas seu tipo abordagem para ler dados. “Geralmente, eles vão utilizar essa abordagem em grande parte do processo de gestão, enquanto fundos tradicionais utilizam menos, e deixam mais decisões em mãos humanas”.

Portanto, não se deve comparar os fundos quantitativos entre si, mas com fundos que utilizam a mesma estratégia, como Multimercado Macro ou Ações Long Biased, indica Machado.

Além disso, mais do que a valorização dos fundos na crise, é necessário olhar um histórico maior, além de questões como volatilidade controlada e qual o retorno que obteve proporcionalmente ao risco tomado (índice de Sharp).

Um exemplo claro é o fundo da Murano, que chegou a ter, em 2018 e 2019, uma descorrelação negativa em relação à bolsa, e perde para outros fundos no rendimento acumulado nos últimos quatro anos e meio.

Entre os fundos do levantamento que tiveram melhor desempenho, Machado analisa que o Giant Steps Zarathustra entrega bons resultados, mas é um fundo caro: cobra taxa de 1% mais 27,5% de performance.

“Recomendo o seu fundo-irmão, o Giant Darius. Com taxa de 2% de administração e 20% de performance, além de metade da volatilidade do Zarathustra, acompanha o seu desempenho e é indicado para compor a porção da carteira dedicada a fundos Multimercados Macro”.